

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Tanise Cristina Fidencio

**REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM BEBÊS NA
REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE AJURICABA**

Ijuí, RS
2016

Tanise Cristina Fidencio

**REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM BEBÊS NA REDE
PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE AJURICABA**

Trabalho Monográfico apresentado no Programa de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Orientadora: Viviane Ache Cancian

Ijuí, RS
2016

Tanise Cristina Fidencio

**REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM BEBÊS NA REDE
PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE AJURICABA**

Trabalho Monográfico apresentado no Programa de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Docência na Educação Infantil**.

Aprovado em 23 de setembro de 2016

Viviane Ache Cancian, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Monique Robain Montano, Esp. (SMD)

Liliane Madruga Prestes, Dra. (UFSM)

Débora Teixeira de Mello, Dra. (UFSM)

Ijuí, RS
2016.

RESUMO

REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM BEBÊS NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE AJURICABA

AUTORA: Tanise Cristina Fidencio
ORIENTADORA: Viviane Ache Cancian

O presente trabalho de Conclusão do Curso de Docência na Educação Infantil é resultado de estudos e reflexões da minha prática pedagógica com bebês na rede pública municipal de ensino do município de Ajuricaba-RS. A partir da minha história, da minha infância e de como me constituo docente, num constante processo de formação busco dar visibilidade e protagonismo aos bebês no cotidiano da Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, de uma prática pedagógica, baseada em vivências, possibilidades e interações entre os bebês, seus pares e adultos. Como se constituem estes espaços e interações a partir do envolvimento dos bebês e suas famílias no contexto artístico cultural. Tais reflexões partem das teorias de Barbosa (2010), Goldschmied e Jackson (2006), Fochi (2013), Ortiz e Carvalho (2012), Gobatto (2011) sobre as especificidades do trabalho com bebês na Educação Infantil. O trabalho considera também que neste campo de trocas e interações, os bebês apropriam-se do mundo que os cerca, através do contato com a natureza e seus elementos, da vida cotidiana, de pesquisas e de percepções acerca do que lhes é possibilitado, num constante jogo de trocas com seus pares e adultos.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Bebês. Interações. Famílias

ABSTRACT

REFLECTIONS ABOUT PEDAGOGICAL PRACTICE WITH BABIES IN THE EDUCATIONAL SYSTEM OF AJURICABA TOWN.

AUTHOR: TANISE CRISTINA FIDENCIO

ADVISOR: VIVIANE ACHE CANCIAN

This term paper is the result of studies and reflections of my pedagogical practice with babies in the educational system of Ajuricaba-RS. From my background, my childhood and how I develop as a teacher through continuing education, I seek to give the babies visibility and protagonism in the kindergarten routine. This is a qualitative research with action-research methodology of a pedagogical practice based in experiences and possibilities and interaction between babies, their peers and adults, how these spaces and interactions are built from the engagement of the babies and their families in the cultural artistic context. These reflections were analyzed based on authors such as Barbosa (2010), Goldschmied and Jackson (2006), Fochi (2013), Ortiz and Carvalho (2012), Gobatto (2011) about the work specificities with babies in the kindergarten. This paper also considers that in this field of sharing and interaction, babies get the world around them through contact with nature and its elements of everyday life, research and perceptions about what is allowed to them, in constant exchange experiences with their peers and the adults.

Keywords: Pedagogical practice. Babies. Interactions. Families.

SUMÁRIO

1	ME CONSTITUINDO...	6
2	QUEM OLHOU POR NÓS?	11
3	POR QUE OS BEBÊS?	14
4	QUE LUGAR É ESSE?	16
5	O QUE OS BEBÊS FAZIAM AQUI?	18
6	E AGORA O QUE FAZEM OS BEBÊS?	20
6.1	...E A GENTE INVENTA CADA UMA!	20
7	A ARTE NO BERÇÁRIO: A RELEITURA DO TEATRO CUCO, A LINGUAGEM DOS BEBÊS NO TEATRO	39
8	POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES...	48
	REFERÊNCIAS	51

1 ME CONSTITUINDO...

...Eu não sei por que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança...

Reportar-me à infância é redescobrir e compreender todos os dias o sentido da vida, os caminhos que muitas vezes se mostraram incertos passam a mostrar uma feliz escolha que hoje me desafio a viver.

Sou a segunda filha de um casal humilde, meu pai pedreiro e minha mãe trabalhadora rural, residentes no Distrito de Barro Preto, hoje, Nova Ramada/RS. Dividi minha infância com uma irmã mais velha, logo depois a família foi aumentando, nascendo mais uma menina e posteriormente um menino, “o sonho do pai”. Tínhamos o compromisso de cuidar dos irmãos menores e realizar as atividades domésticas que nos eram atribuídas. Lembro-me que vivíamos tempos difíceis, desde muito cedo aprendemos a compartilhar muitas coisas entre os irmãos, e o que soava muito alto em nossa casa era o incentivo aos estudos, vindo principalmente do meu pai. Seus longos discursos sempre nos inspiravam e sentíamos orgulho daquele trabalhador honesto que não media esforços para atender as demandas familiares.

Os momentos de brincar eram muitos, logo de manhã após o orvalho secar até quase ao meio dia, quando tínhamos que tomar um bom banho para ir à escola. As tardinhas também eram momentos ricos em brincadeiras, os pátios enormes eram a alegria de todos os amigos e primos que ali se juntavam para encerrar os dias. Faziam partes deste cenário a casa da vovó, a praça, os pátios das igrejas, os rios. Caçador, polícia e ladrão, casinhas, bicicletas e muitas outras brincadeiras eram vivenciadas diariamente. A rua era muito explorada e a dividíamos com os carros e um único ônibus que passava no local, o qual passa até hoje, na época deixava para trás o pó da estrada, hoje a estrada de chão deu lugar ao asfalto, pó não deixa mais.

Lembro-me de que minha turma na escola era sempre muito unida, acredito que por iniciarmos e concluirmos nossa trajetória escolar juntos. Frequentei a pré-escola e com saudades, lembro a professora que me alfabetizou e hoje vive, ainda, no mesmo lugar, sempre muito correta e com postura firme. Pensar esse tempo de ensino fundamental reporta-me sempre ao comprometimento que tinha com os estudos e também com o espaço que o brincar ocupava em minha vida. A escola permitia estes momentos de significativas experiências com a natureza, espaço livre, recreios longos, registros que permanecem na memória.

Na escola exerci algumas lideranças na turma, bem como presidente do Grêmio Estudantil, mesmo timidamente sempre me preocupava com o coletivo, havia

responsabilidade e comprometimento. Minha cidade até então não tinha ensino médio, os alunos deslocavam-se à cidade vizinha de Ajuricaba/RS, porém no ano em que estava concluindo o ensino fundamental, regularizaram e o viabilizaram no município, uma conquista para a comunidade.

O ensino médio não me possibilitou pensar ou direcionar futuras escolhas de ingresso na universidade, não conseguia naquele momento compreender ainda o que gostaria de “ser profissionalmente”. No entanto, possibilitou-me escolhas importantes que estão comigo até hoje, algumas incertezas e alegrias. Enfim, trouxe meu companheiro, hoje meu marido, com o qual divido projetos, sonhos, alegrias, conquistas e também dificuldades.

O tempo foi passando e com ele os planos e projetos para o futuro ocuparam os pensamentos. As escolhas são necessárias e indispensáveis, principalmente na vida profissional. Era chegada a hora de prestar vestibular, cresci ouvindo meu pai incentivando e cumprindo com seu discurso de que estudar era preciso e necessário, era a única herança que ele poderia nos deixar (com os olhos cheios de lágrimas), lembro-me de que no dia da matrícula, fui conversar com ele no trabalho para saber se eu poderia realizar a matrícula no curso escolhido, pois sabia que não tínhamos o dinheiro necessário no momento, ele afirmou que “iria dar um jeito”.

Minha irmã mais velha já estava na universidade o que dificultava nossa situação financeira, mas isso não impediu meu ingresso. Prestei vestibular para o curso de Comunicação Social da UNIJUI - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - ainda que sem saber o que eu queria para mim. Mesmo assim, iniciei o curso, realizando algumas disciplinas que todos os cursos exigiam na época, chamadas de disciplinas básicas.

Nesse ano o Governo Federal lançou o programa PROUNI - Programa Universidade para Todos, quase sem saber como funcionava, como se cadastrava, fui tentando o cadastro, esperando sempre ansiosa pelas etapas e resultados. Naquele momento, teria cinco opções de cursos, em universidades diferentes, a Pedagogia foi uma das escolhas, já motivada pela minha irmã que estava inserida no curso.

O resultado da inscrição trouxe-me muita alegria, assim como para toda a família, fui contemplada com uma bolsa parcial no curso de Pedagogia, isso fazia com que fosse possível a realização de mais um sonho do pedreiro, agora eram duas filhas na Universidade.

Em paralelo aos estudos sempre procurava exercer alguma atividade remunerada, era babá de meus primos, empregada doméstica para minhas tias e funcionária de mercado. Era necessário para ajudar nos gastos com transporte, livros, roupas e calçados.

A Pedagogia proporcionou momentos de aprendizados significativos, apesar de me sentir um tanto perdida primeiramente, pois era uma das únicas alunas que não havia feito o magistério. Percebo, hoje, que a imaturidade também impede, muitas vezes, a análise de certas situações com um olhar sensível e que muitas teorias ficam vagas, quando ainda não se consegue estabelecer relações com as práticas pedagógicas, por não estar em no dia a dia escolar. Também fui construindo amizades, conhecendo novas pessoas, interagindo e trocando experiências.

O curso oferecia disciplinas de férias, então para adiantar matérias, cursei algumas em regime presencial normal e também no período de férias. Isso exigiu que eu permanecesse em uma “pensão”, como a chamava, um lugar de trocas de experiências, histórias de vida diferentes e de adaptação, pois até então nunca havia saído da casa de meus pais. Era o início do “corte umbilical”.

Foram momentos difíceis, a cidade era, para mim, muito agitada, tinha dificuldades em permanecer naquele lugar, contava os dias para retornar à casa de meus pais. Mas tudo passou e fui acostumando-me com aqueles momentos, afinal eram períodos. No decorrer do curso fui me integrando cada vez mais, as experiências de estágios me possibilitaram uma melhor aproximação das crianças, sendo que pude reforçar o carinho que tenho por elas, reafirmando que estava no caminho certo!

Foram quatro anos e seis meses de estudos, de pesquisa, de amizades e de muito comprometimento, afinal estava eu tratando do meu futuro profissional que estava logo ali na frente. A pesquisa do curso aprofundou uma questão que me trazia muita inquietude na época, a influência da mídia na constituição dos sujeitos infantis, tema que me oportunizou compreender melhor certos comportamentos e atitudes que vinha percebendo nos momentos de estágios e observações.

Concluí a graduação em agosto de 2009, foi um momento único, emocionante, não existem palavras para defini aquele momento, foi o resultado de muito esforço, de muitas horas de estudos, de trabalho árduo e de muita dedicação, devo essa conquista aos meus amados pais. Seguindo o curso da vida, chegou a hora de entrar no mercado de trabalho, comecei prestando concursos na região, além de inscrever-me em contratos temporários. Consegui trabalho na Prefeitura Municipal de minha cidade, como assessora cultural. Nesse cargo, promovi alguns concursos importantes existentes até hoje.

Nesse período, fui selecionada para um contrato temporário de Orientadora Educacional em uma escola da rede pública estadual do município de Ajuricaba/RS, um desafio à vista que decidi aceitar. Foi minha primeira experiência profissional efetiva em

escola, fui muito bem acolhida, cumpria quarenta horas semanais, utilizava transporte todos os dias para me deslocar ao trabalho, mais de quarenta minutos de viagem pelas estradas de pedra. Foi um ano de muita correria, mas foi muito valioso, pois os profissionais que ali trabalhavam, eram pessoas muito positivas, que estudavam muito, com novos olhares e muitas experiências para compartilharem.

Nesse período tive a oportunidade de realizar o concurso público para professora de educação infantil de Ajuricaba, consegui passar em boa colocação. Era chegada a hora de me retirar do “colinho” da mãe, foi muito difícil, as tardinhas eram momentos de muita saudade e lágrimas, mas me acostumei, o ser humano adapta-se as necessidades. Morava sozinha, era interessante ter meu lugarzinho, minhas coisas que fui adquirindo com o tempo. Nesse período, cresci muito e fortaleci-me enquanto mulher, profissional, administradora da própria vida, inclusive financeira.

A escola de Educação Infantil João Carlini acolheu-me tão bem que permaneço até os dias atuais, inserida neste educandário, no Bairro João Carlini, em Ajuricaba. A escola, na época, atendia mais ou menos 50 crianças do Bairro. Quando comecei minhas atividades sentia a dificuldade de não ter uma Coordenadora Pedagógica para auxiliar na melhor organização do meu trabalho, a EMEI JC contava somente com uma diretora/40hrs semanais, com formação em história e geografia que tinha dificuldades para orientar o trabalho pedagógico.

A primeira experiência com a educação infantil, em 2011, foi com uma turma de pré-escola, senti muitas dificuldades, pois era uma turma com muitos alunos na faixa etária de cinco anos e com personalidades bem difíceis, hoje posso dizer que a falta de experiência também dificultou meu trabalho, sentia-me insegura muitas vezes em algumas decisões tomadas.

Os anos foram passando e com eles o trabalho em paralelo na educação infantil e na orientação educacional. Em 2013, o ano começou com uma nova equipe gestora, a qual contava com coordenadora pedagógica, duas profissionais com formação em Pedagogia. Essa equipe inovou nas dinâmicas de trabalho, direcionou novos olhares à educação infantil, também houve mudanças na Equipe da Secretaria Municipal de Educação. Nesse ano, iniciaram as formações do Programa Pró Infância, o município estava com uma unidade em construção, foram aprendizados muito significativos que enriqueceram minha prática pedagógica, era preciso compartilhar boas experiências.

Na família, tinha o exemplo de minha irmã que trabalha, ainda hoje, na rede de ensino municipal de Ijuí. Ela sempre compartilhava suas experiências e aprendizados, compondo

assim as referências para o meu trabalho. Lembro-me de que ela foi selecionada para realizar o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil em Santa Maria, sendo que por inúmeras vezes trazia consigo referenciais e boas práticas que me estimulavam no trabalho com as crianças, compreendendo um novo olhar lançado à educação infantil no Brasil.

Foi através dela que pude me inserir na turma de Especialização em Docência na Educação Infantil, Polo Ijuí. Em outubro de 2014, nasce um novo projeto, minha especialização no trabalho que tanto gostava. Ao iniciar as aulas, reencontro-me com muitas colegas da faculdade e conhecidas dos cursos que realizei ao longo do tempo. Desde o primeiro dia de aula, a especialização proporcionou-me um encantamento pela educação infantil que nunca tive antes, as aulas eram intensas, prazerosas, as coisas faziam sentido para mim, conseguia visualizar minha prática e os avanços que deveria ter em sala de aula, além de perceber o que já estava construindo com sucesso.

O ano de 2014 findou-se com acontecimentos marcantes, nasceu a primeira sobrinha. Isabella é nossa inspiração, nos trouxe e nos traz muita alegria. Também nesse ano perdemos nosso avô paterno, lembro-me dele com saudades.

Em 2015, meu maior desafio, um novo projeto: o trabalho com os bebês. Senti insegurança inicialmente, mas era motivada a levar uma nova proposta para eles, esperava daquele espaço bem mais do que um lugar onde eram deixados pelos seus responsáveis. Eu queria ver as relações estabelecidas entre eles, queria ver o olhar e a escuta atenta aos gestos e aos movimentos, eu queria sentir através deles que estavam sendo compreendidos como seres humanos, capazes de estabelecer relações com o mundo a sua volta, que eram capazes de explorar os espaços da escola como todas as outras crianças, além de possibilitar a organização desse espaço a eles.

O trabalho com os bebês foi fortalecido pelos meus estudos no curso de especialização em Docência, os debates e as conversas, as experiências e as práticas realizadas nas aulas contribuíram para o meu fazer pedagógico, retornava para a escola com muitas ideias, autores e fui aos poucos “disseminando” essas ideias para minhas colegas de trabalho (professora do turno da manhã e monitora). Meu vínculo com eles foi se tornando intenso.

2 QUEM OLHOU POR NÓS?

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir da prática pedagógica com os bebês em uma instituição pública de educação infantil, no município de Ajuricaba/RS que atende aproximadamente sessenta e cinco crianças, dessas a maioria reside no bairro João Carlini onde se localiza a escola, mas também atende às crianças do centro da cidade.

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa são os bebês da turma do berçário I, sendo nove meninos e uma menina, de seis a dezessete meses, filhos de funcionários públicos, professores, domésticas, diaristas e trabalhadores autônomos. Também faço parte desse contexto reflexivo enquanto docente e mediadora de experiências, possibilidades e responsável pela inserção dos bebês em um contexto artístico e cultural. Os bebês citados e presentes na pesquisa estão recebendo nomes fictícios.

Esse trabalho constituiu-se a partir das problematizações, estudos e teorizações sobre práticas pedagógicas desenvolvidas com e para bebês no decorrer do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, oferecido pela Universidade Federal de Santa Maria em parceria com a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ. Tais reflexões proporcionaram um enriquecimento profissional constante que ampliaram e qualificaram o trabalho pedagógico, assim como minhas percepções acerca da infância.

Sendo assim, surge o seguinte problema de pesquisa: é possível proporcionar aos bebês práticas pedagógicas que os tornem protagonistas no cotidiano escolar, em um espaço de possibilidades, vivências e envolvimento no contexto artístico e cultural?

Assim, como objetivo geral compreender se é possível proporcionar aos bebês práticas pedagógicas que os tornem protagonistas no cotidiano escolar, em um espaço de possibilidades, vivências e envolvimento no contexto artístico e cultural. E como objetivos específicos: Refletir sobre a prática pedagógica com bebês em escola pública, dando ênfase as interações e brincadeiras, como proposta pedagógica para a formação e constituição de sujeitos; Possibilitar a inserção e a participação dos bebês em um contexto artístico e cultural através do teatro para bebês e vivências significativas; Ampliar a participação e o envolvimento das famílias na escola a partir da prática pedagógica, fortalecendo este vínculo através do teatro para bebês; Analisar a partir de fundamentos teóricos, das percepções que tenho da minha prática profissional, de maneira que possa promover práticas pedagógicas de qualidade para os bebês e crianças pequenas da Educação Infantil.

Para refletir sobre o proposto através desses objetivos convido alguns autores dos quais compartilho suas concepções sobre bebês e práticas pedagógicas pensadas com e para

eles, acreditando que são seres capazes, potentes, que se comunicam, sentem, envolvem-se e aprendem sob diferentes formas e que, portanto necessitam de experiências significativas que atendam suas especificidades. Para Barbosa:

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal. (2010, p.87).

As contribuições teóricas de Barbosa (2010), Ortiz e Carvalho (2012), Goldschmied e Jackson (2006), Gobatto (2011), Barbieri (2012), Fochi (2013), assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), Parecer CNE/CEB nº20/2009, apresentam reflexões importantes que buscam qualificar o trabalho pedagógico desenvolvido na educação infantil, em especial os bebês.

Caracteriza-se uma pesquisa-ação, definida por Tripp (2005), como uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática. Nesta perspectiva a pesquisa apresenta possíveis transformações no espaço em que ela se configura, com ações que visam qualificar a prática pedagógica com e para bebês. Contempla também a pesquisa qualitativa, que deu visibilidade ao trabalho realizado com os bebês nas interações com seus pares, com crianças e adultos, bem como na participação e envolvimento com a família. Minayo (2010) esclarece que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilha com seus semelhantes. Desta forma, a diferença entre abordagem quantitativa e qualitativa da realidade social é de natureza e não de escala hierárquica. (p. 22).

Nesta perspectiva, a pesquisa apresenta uma reflexão acerca das especificidades de cada bebê, num contexto coletivo, buscando dar visibilidade ao trabalho e ações realizadas no cotidiano da educação infantil, não permitindo quantificar resultados a partir das ações.

Diante deste pressuposto, destaco as possibilidades e alternativas apresentadas à turma do berçário I, no intuito de garantir aos bebês o seu protagonismo em um espaço pensado e planejado. Brincadeiras e atividades lúdicas, artísticas e culturais, interações com seus pares,

crianças e adultos, bem como a participação e envolvimento com a família no contexto da educação infantil.

As reflexões partem dos registros fotográficos realizados durante as interações, na tentativa de dar visibilidade ao trabalho, e também uma possibilidade de avaliação individual e coletiva das experiências proporcionadas e vivenciadas por eles. As imagens constituem-se em um material que sensibiliza e motiva, os quais deram origem às narrativas das crianças que foram apresentadas às suas famílias, enriquecendo o vínculo e a parceria.

No decorrer da pesquisa é possível constatar como se configuravam as práticas pedagógicas com os bebês anteriores à minha chegada ao berçário, estabelecendo um paralelo a partir das minhas percepções acerca das especificidades do trabalho docente com bebês. A pesquisa também apresenta vivências e possibilidades a partir de diferentes texturas, objetos, elementos da natureza, constituindo-se no cotidiano da educação infantil um espaço de interações e descobertas entre seus pares e adultos. É possível evidenciar a participação e a inserção dos bebês no contexto artístico e cultural, através da releitura do teatro para bebês, uma peça teatral pensada e planejada para o público infantil de zero a três anos.

Enquanto docente, vou me constituindo a partir das reflexões realizadas, buscando compreender o “lugar” que ocupo nas interações e vivências que ocorrem no cotidiano da educação infantil, ampliando conhecimentos acerca da especificidade do trabalho pedagógico no berçário.

3 POR QUE OS BEBÊS?

Algumas questões que fazem parte do cotidiano escolar causavam-me inquietude, enquanto docente, no que se refere à prática pedagógica com os bebês, entre elas: a sala como um lugar de troca de diálogos entre adultos, atividades repetitivas, sem protagonismo infantil. Isso mostrou um distanciamento de práticas pedagógicas que envolvem os bebês como protagonistas nas interações com seus pares, com outras crianças, com os adultos, bem como os espaços no cotidiano da educação infantil.

A pesquisa trouxe uma reflexão acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas com a turma do berçário I, no ano de 2015, de uma escola pública municipal de educação infantil de Ajuricaba/RS. Além disso, percebi como as contribuições do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil possibilitaram aos bebês práticas e experiências significativas que os tornaram protagonistas do cotidiano escolar através do meu trabalho como docente.

Essas práticas foram sendo pensadas e construídas a partir da teorização de temas e assuntos referentes a bebês e a crianças pequenas no curso de especialização. Reconhecendo-os como sujeitos de direitos, potentes, que manifestam seus desejos e desgostos, que necessitam de interações nas quais se fortaleçam as trocas entre os bebês e as crianças maiores, bebês e adultos, a partir de experiências significativas para eles.

As possibilidades apresentadas aos bebês e registradas, por mim, buscam oportunizar experiências e momentos de descobertas, interações e brincadeiras que colocam os pequenos como protagonistas do espaço que ocupam na educação infantil. Além de inseri-los e aproximá-los da arte no contexto infantil, através do teatro é feita uma releitura dos desejos infantis, possibilitando aos bebês sentirem e interagirem com diferentes linguagens.

Efetivar no cotidiano escolar o que propõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, compreendendo a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p.12).

O teatro possibilitou a aproximação das famílias no cotidiano da escola, a partir da compreensão do trabalho pedagógico realizado com a turma e com a inserção dos bebês no contexto artístico e cultural. Foi através dos diálogos estabelecidos em uma relação de troca de experiências, reconhecimento e importância do trabalho pedagógico desenvolvido na turma

do berçário, que a família passou a fortalecer os vínculos e as relações com as profissionais que se dedicam a cuidar e educar de seus filhos.

4 QUE LUGAR É ESSE?

A Escola Municipal de Educação Infantil João Carlini, localizada no Bairro João Carlini, na cidade de Ajuricaba / RS, atendia, no ano de 2015, sessenta e cinco crianças, entre estas, estavam crianças do próprio bairro, do centro e do interior. Distribuídas em turmas do berçário I, berçário II, maternal I, maternal II e jardim, nomenclatura utilizada no referido ano. O grupo de profissionais era composto por uma diretora que exercia suas atividades 40 horas semanais, uma coordenadora pedagógica com 20 horas, professoras com formação em pedagogia e magistério, monitoras com ensino fundamental, médio e magistério, estagiárias, uma servente na limpeza e duas na cozinha.

O espaço era constituído de cinco salas de aula, poucas eram amplas com tamanho adequado, brinquedoteca, refeitório, banheiros, sala da direção, almoxarifado, fraldário, corredor e hall de entrada. No espaço externo havia um parque, nos fundos da escola, com balanços e caixa de areia, na frente há um espaço amplo com grama, caixa de areia coberta, casinha de madeira, rodinha, havia pouco espaço com sombra.

Na turma havia dez bebês, uma menina e nove meninos (fato curioso e inusitado na escola), com idade aproximadamente de seis a dezessete meses, dois meninos gêmeos. Filhos de servidores públicos, trabalhadores do comércio local, professores e donas de casa. Todos os bebês chegaram à escola a partir dos seis meses de idade, um diferencial, pois as mães conseguem permanecer este período junto aos seus filhos.

Alguns chegaram engatinhando, outros sentavam, alguns sentavam com apoio, outros ainda permaneciam deitados, cada um com suas particularidades. A professora regente no turno da manhã possuía curso de magistério, com experiência de quase trinta anos de trabalho na educação, no turno da tarde auxiliava como monitora até às 15 horas e 30 minutos de cada dia. Também contávamos com o trabalho de uma monitora que permanecia integralmente com a turma, sendo uma referência nas turmas do berçário na escola, pois há muitos anos desenvolve esse trabalho com as turmas iniciantes, tendo ensino médio completo.

Os bebês e as crianças pequenas reagem com estranhamento ao novo espaço e com as pessoas que ali estão o que é normal, pois as primeiras relações e vínculos afetivos estabelecidos são com seus pais ou quem exerce esta função sobre eles.

As contribuições que Ortiz e Carvalho trazem em seus escritos reafirmam a importância do adulto na vida das crianças.

É o adulto quem insere o bebê no mundo e em suas infinitas possibilidades. É ele quem o nomeia, quem lhe oferece um lugar, oferece um ambiente no qual vai se desenvolver, oferece oportunidades de experiências e aprendizados, insere-o no universo das regras e dos valores da cultura. Enfim, apresenta-lhe o mundo e o ajuda fazer parte dele. (2012, p. 29).

Os adultos são responsáveis por sanar as primeiras necessidades dos bebês, oportunizar as primeiras experiências e compreensão do que os cerca. A escola e os profissionais que nela estão necessitam criar um vínculo afetivo de acolhimento, fazendo com que os bebês se sintam pertencentes aquele novo grupo e espaço.

O período de adaptação exige um olhar atencioso e compreensivo à criança que está chegando, é preciso definir objetivos, que segundo Ortiz (2012), requerem foco no planejamento do processo de acolhimento para que a adaptação se concretize de forma tranquila para a criança e seus pais.

Em forma de entrevistas eram apresentadas a proposta de trabalho a ser desenvolvida com a turma do berçário I, estabelecendo com os pais uma relação de diálogos e trocas, para que eles se sentissem seguros em deixar seus filhos na escola.

Durante esse período, a adaptação da maioria dos bebês foi tranquila, sentíamos nos pais a confiança em deixá-los na escola aos cuidados da equipe. Alguns bebês manifestaram estranhamentos e desconfianças, considerado normal no processo de separação de suas mães, pois necessitam de tempo para conhecer e compreender a nova rotina, vivenciar novas experiências e estabelecer relações com adultos diferentes.

Para tanto, é necessário que esse novo espaço e as pessoas que ali estão proporcionem aos bebês um acolhimento afetuoso e cuidadoso, com experiências significativas para que se sintam seguros e compreendam a nova rotina estabelecida. O bebê precisa conquistar seu espaço, mas antes precisa ser conquistado por ele, conquistado por essas novas pessoas e interessar-se pelas novas situações. (ORTIZ e CARVALHO, 2012, p. 49).

O desafio foi lançado a partir do momento que aceitei ser educadora do berçário I, romper com algumas concepções existentes em relação aos bebês, dar sentido e significado à sua presença junto a esse espaço, potencializando suas interações e construções a partir de diferentes vivências.

5 O QUE OS BEBÊS FAZIAM AQUI?

A sala dos bebês constituía-se em um espaço pequeno, com piso de madeira, duas janelas de metal com vista para o pátio e a rua em frente à escola. Internamente, possuía uma janela de vidro com cortina. Essa janela ficava a uma altura em que os bebês não conseguiam enxergar o outro lado, sem que estivessem no colo das educadoras.

Na sala havia vários berços, um tapete emborrachado de espessura fina, um armário alto com portas e gavetas para guardar materiais pedagógicos, cobertores e brinquedos considerados um pouco “perigosos” que eram ofertados em diferentes momentos. A televisão e o aparelho de DVD ocupavam uma mesa grande que dividia o espaço com pertences particulares dos bebês (mamadeiras, chupetas, toalhinhas, etc.). Também contava com um espelho na parede próxima à porta de entrada. A decoração da sala recebia temas midiáticos, um grande painel de tecido azul e no centro a imagem dos personagens do musical galinha pintadinha.

A turma do berçário I era atendida por uma professora com magistério e monitoras com nível médio que vinham desenvolvendo este trabalho na instituição, desde que a creche era mantida pela assistência social do município. Nesse período, as práticas eram de assistencialismo e cuidado, enquanto algumas mães necessitavam trabalhar.

Gobbato (2011), em sua pesquisa intitulada “Os bebês estão por todos os lugares”, aborda o tema contextualizando historicamente este momento pelo qual perpassou a educação brasileira. Traz em seus escritos a preocupação que se estabelece em torno das práticas que abordam somente os cuidados básicos com as crianças, um espaço pensado para acolhimento daqueles sujeitos enquanto seus familiares realizam uma atividade remunerada e não tem outra opção de lugar para deixar as crianças. Nesse momento histórico, a creche assume o compromisso de cuidá-los. Entende-se a partir disso algumas heranças deixadas que ainda estão nos cotidianos da educação infantil.

Refletindo a partir desse contexto, compreende-se que muitas relações e práticas estabelecidas para os bebês, até então, nesse espaço, eram meramente de cuidados, os discursos evidenciados reforçavam o atendimento e acolhimento, e não compreendiam as crianças como sujeitos de direitos, distanciando-se do que propõem o Parecer do Conselho Nacional de Educação (Parecer CNE/CEB N° 20/2009) que esclarece:

As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, a

habilitação para o magistério superior ou médio, refutando assim funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças. (BRASIL, 2009, p.4).

O cuidado com os bebês, a higienização, a alimentação e o “controle” (ficarem tranquilos e por perto) caracterizavam o trabalho e a rotina do berçário na educação infantil. As práticas desenvolvidas com os pequenos buscavam cumprir com esses cuidados, ofertando momentos de brincadeiras com os brinquedos disponíveis, momentos de exposição ao sol. Quando havia disponibilidade de tempo, esporadicamente, ofertava-se “algo diferente”, por exemplo, o contato com tintas e folhas, registro através de carimbos das mãos e dos pés, confecções de cartões, ilustrações de animais representando as produções do berçário. Esse material era exposto na sala e nos corredores. O pesquisador Paulo Fochi (2013), demonstra preocupação com os registros elaborados a partir de carimbos, no qual o adulto limita a capacidade dos bebês na exploração e apreciação do que lhes é possibilitado. Instigando o questionamento, e quando acabar mãos e pés o que vamos carimbar?

Refletindo a partir dessas situações apresentadas, tive a possibilidade de assumir como docente da turma do berçário I. Era chegada a hora de me aproximar dos bebês, aprender com eles e compartilhar com minhas colegas o que vinha problematizando/teorizando nas aulas de especialização em docência infantil, inclusive promover a aproximação e efetivação das contribuições trazidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIS) ao trabalho pedagógico na educação infantil as quais garantem aos bebês e as crianças pequenas o protagonismo.

Surgiu assim uma proposta de trabalho pedagógico com bebês, baseada em descobertas e possibilidades, evidenciando-os como sujeitos de direitos, merecedores de uma educação de qualidade alicerçada no respeito às singularidades de cada um, na sensibilidade, na ludicidade e na escuta atenta.

6 E AGORA O QUE FAZEM OS BEBÊS?

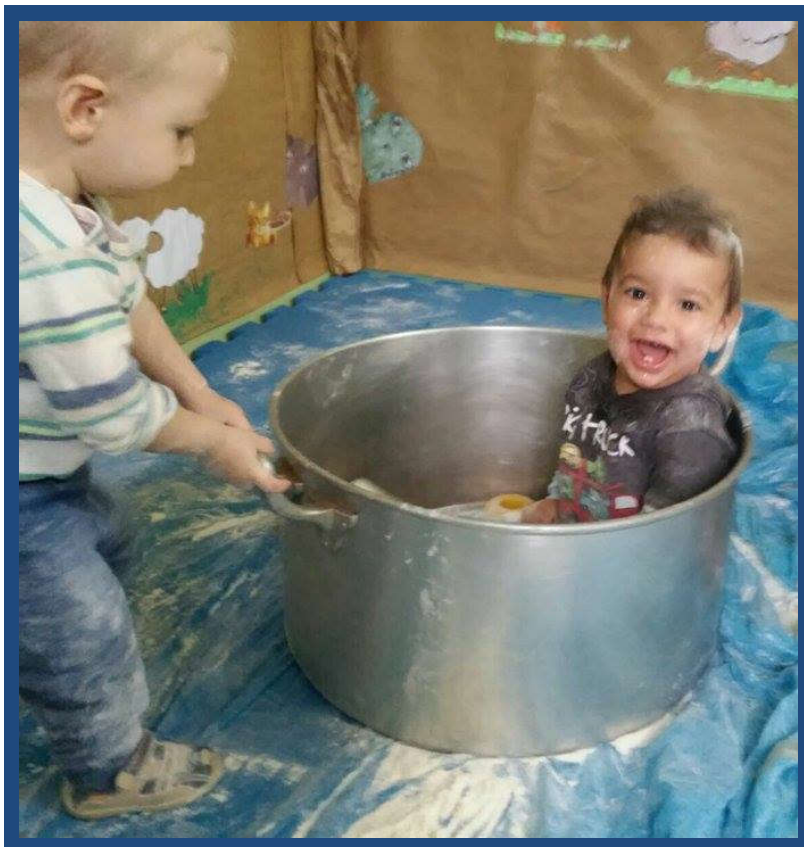


Foto 1: Interação entre os bebês em uma brincadeira com panelas e farinha.
Fonte: Tanise

6.1 ...E A GENTE INVENTA CADA UMA!

Sou hoje um caçador de achadouros da infância.
Vou meio dementado e enxada às costas
cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.
Manoel de Barros

Era um desafio muito grande constituir-me docente de bebês. Fazia parte de mim, naquele momento, um misto de sensações, incertezas, dúvidas e medos. Afinal a experiência com bebês que me trazia àquele espaço era somente familiar, distanciando-se do contexto coletivo, porém fortalecida pelo objetivo de oportunizar a eles um “trabalho de qualidade, sensível e compreensivo, formado por um entendimento imaginativo das experiências e dos estados emocionais das crianças pequenas” (GOLDSCHMIED e JACKSON, 2006, p. 17.).

Pensar a sala de aula e a prática pedagógica para bebês exige um olhar atento e cuidadoso, eles estão a todo instante sendo motivados e aguçados pelos seus sentidos, tudo é novidade e quando esse olhar não se faz presente, acontecem situações inusitadas que instigam os adultos a pensar e a refletir.

A prática pedagógica desenvolvida com a turma do berçário I foi pensada e planejada a partir dos interesses dos bebês. Eles brincam desde muito cedo, inicialmente com o corpo de quem mantém os primeiros contatos e interações, posteriormente seu próprio corpo e tudo o que está ao seu alcance. “O bebê começa brincando com os próprios sentidos, num crescente jogo de descobertas, desenvolvimento de habilidades e construções de significados” (ORTIZ e CARVALHO, 2012, p. 103).

Refletindo sobre a importância de atividades que envolvem os bebês em movimento, foi necessário pensar e agir sobre a organização dos espaços da escola ocupados por eles. Evidencio a sala de aula, até então, tomada por berços, questionando-me afinal esse espaço possibilitava aos bebês experiências significativas e interações com os seus pares?

A sala de aula é um espaço importante para o bebê, não sendo único e exclusivo para usufruírem Gobbato (2011), mas sendo um ambiente de referência quando chegam à escola, assim como um local para aconchegarem-se nos momentos que exigem maior tranquilidade e proximidade com seus educadores.

Os berços ocupavam um espaço amplo da sala, sendo que a maioria foi retirado para que a área de circulação e movimentação dos bebês pudesse ser ampliada, respeitando os que ainda não conseguiam movimentar-se. Goldschmied e Jackson afirmam que:

Uma sala para bebês precisa combinar uma sensação de espaço amplo com intimidade, permitindo movimentos livres para as crianças que se movimentam e uma área mais tranquila para os bebês que ainda não possuem essa capacidade. (2006, p.42).

A área de circulação ganhou um novo aspecto com o tapete emborrachado de textura macia, isso permitia aos bebês interagirem melhor com o espaço, sentindo as diferentes texturas e temperaturas, além de possibilitar-lhes os primeiros passos, bem como permanecerem em pé o que encorajava as tentativas motoras.



Foto 2: Bebês interagindo com panela e massa em um espaço seguro e aconchegante.
Fonte: Tanise

Para Goldschmied e Jackson (2006, p.43) o carpete é essencial para as crianças que começam a ficar em pé, dar os primeiros passos, para que possam ficar descalços e ter firmeza ao pisar, no processo de atingir o equilíbrio necessário para caminhar. Elas também gostam de sentar-se em áreas acarpetadas para manipular quaisquer coisas que estejam à mão.

A amplitude e o aconchego daquele espaço possibilitou aos bebês maior interação com os objetos e materiais ofertados e dispostos no ambiente, dando-lhes maior autonomia e segurança para buscarem nas proximidades o que desejassem, assim como utilizar seu próprio corpo num constante movimento de interação com a proposta ofertada e com os demais bebês.

Os ambientes eram organizados enquanto eles realizavam o primeiro lanche da tarde, isso permitia aos bebês chegarem ao espaço destinado às brincadeiras com alguma surpresa já preparada. Nessa atividade, foto 2, eles encontraram na sala, sobre o tapete, somente uma panela com massa, preparada pelas colegas responsáveis pela alimentação.

Houve certo estranhamento, surgiram através dos olhares alguns questionamentos sobre o que estaria fazendo ali aquela panela? No entanto, os bebês não demonstraram, de forma alguma, medo ou intimidação para se aproximar do objeto e logo foram buscando formas de intervenção.

Davi, Luiz, João e Pedro iniciaram suas aproximações. Davi, engatinhando, foi conquistando seu espaço. Luiz sentou próximo à panela, sendo que João e Pedro, com maior facilidade, aproximavam e distanciavam-se do objeto, movimentando-se de diversas formas.

Davi e Luiz foram observando, tocando, movimentando, sentindo e explorando a forma e a textura do objeto. Aos poucos foram apropriando-se da massa, sendo que seu objetivo era em torno da panela, adquiri-la e trazê-la mais próxima possível, num constante jogo de vai e vem.

Pedro e João compartilhando desse momento resolveram de imediato agir sobre o que havia dentro da panela. As crianças demonstram grande prazer ao abrir recipientes e descobrir o que tem dentro. Foram se permitindo intervir e agir sobre a massa, sentindo o sabor, a textura. Esses dois bebês compreenderam que ao tocar na massa ficava entre os seus dedos pequenos resquícios os quais foram levados à boca. Mesmo provando a massa entre seus dedos, ainda permaneciam entre eles o “grude” que ela deixava. Nesse momento, Pedro convida-nos a participar da interação, mostrando suas mãos, questionando e solicitando através dos gestos uma atitude frente à situação de desconforto em que se encontrava.

Configuram-se diversas compreensões realizadas pelos bebês a partir de um mesmo objeto e diferentes formas de intervenção. Os interesses diferenciam-se de acordo com as especificidades de cada um, naquele momento Luiz e Davi optam por reconhecer e abordar com maior intensidade a panela, combinando a exploração da sua textura, peso, movimento e força que necessitavam exercer sobre ela na tentativa de trazê-la para perto de si. Pedro e João concentraram suas pesquisas na massa. Sobre isso Mallmann (2015), ao considerar a potência dos bebês em explorar, criar significados, comunicar-se e interpretar o mundo, aposta-se na capacidade que eles possuem de construir suas histórias através das trocas, interações e experimentações que vão estabelecendo com seus pares e com os adultos.

Nessas perspectivas apontam-se a importância e a necessidade de espaços e ambientes planejados, adequados e receptivos aos bebês e crianças pequenas que favoreçam interações, pesquisas e descobertas.

Para Ortiz e Carvalho, “a relação do bebê com o espaço físico pode favorecer a construção da imagem de si, do outro e do ambiente, o que possibilita as interações e a progressiva construção da autonomia.” (2012, p. 64).

A organização dos brinquedos passou a ser em caixas temáticas, disponibilizados em lugares de fácil acesso aos bebês, para que pudessem manusear quando desejassem. Caixas de livros, latas e potes, chocalhos, peças de madeira, objetos de borracha, etc. Aos poucos a sala foi se transformando em um ambiente mais amplo para brincadeiras e explorações.



Foto 3: Caixas temáticas dispostas na sala ao alcance dos bebês.
Fonte: Tanise

Luiz mostrou-se sempre muito atento a todas as transformações dos espaços ocupados pelos bebês, sinalizando para todas as alterações, participando e inteirando-se do que lhe era oferecido, com intensidade e tranquilidade. A imagem retrata o seu interesse em apropriar-se do livro, apreciando imagens, folhando páginas, dialogando com os personagens através de balbucios.

Para Ortiz e Carvalho (2012):

No ambiente da creche, há que se priorizar os espaços de leitura, tanto para que adultos leiam e mostrem livros para as crianças, como para que os próprios bebês possam ter acesso a eles, ler e apreciar as figuras, manusear suas páginas, acompanhar a história. (p.168).

Nessa cena, foto 3, Luiz envolveu-se com os personagens do livro, sentiu sua textura, criou mecanismos de linguagem a partir do contato. Ao constituírem-se espaços em que os bebês se permitem buscar e apropriar-se do que está disposto, estabelecem-se relações com tais materiais, são favorecidas as condições que respeitam as crianças em suas escolhas.

As decorações das paredes foram repensadas e substituídas. As imperfeições das paredes foram cobertas por um painel de papel que instigavam aos bebês a produzirem sons a partir dele, a sentirem sua textura, observando diferentes imagens, fotos da turma, móveis e objetos emborrachados. Nesse sentido, contribuem Ortiz e Carvalho:

Quando vamos decorar a sala onde os bebês ficam, precisamos aprender a olhar na perspectiva da criança, ou seja, do lúdico e do movimento, do ponto de vista de uma pessoa sensório-motora, que é sua forma de pensar e agir sobre o espaço. (2012, p.69).

Tais colocações trazem questionamentos sobre os cenários decorativos e espaços em que muitas vezes se encontram os bebês nas instituições. As opções das decorações, por vezes, são temas midiáticos, envolventes e repetitivos, com os quais os bebês e crianças pequenas estão habituados, pois assistem e convivem com isso em suas residências e muitas vezes na própria instituição.

Os espaços transformaram-se para fortalecer e potencializar as interações dos bebês com as experiências realizadas, os objetos, as demais crianças e os adultos presentes no cotidiano da escola. A relação entre o adulto e o bebê necessita ser de reciprocidade, o educador precisa criar condições para que os bebês se sintam parte daquele espaço, do grupo e das demais pessoas que trabalham ou estão em a sua volta no cotidiano escolar, “os vínculos se formam nas interações cotidianas que estão presentes em diferentes momentos do dia a dia” (ORTIZ e CARVALHO, 2012, p. 93).

A partir dessa relação de confiança estabelecida, na instituição, entre bebês e adultos, foram desenvolvidas as primeiras experiências, as brincadeiras sensoriais e motoras. Elas se constituem a partir dos momentos de planejamento, revelando a importância da interação entre os bebês com os diferentes espaços, objetos e brincadeiras.

Pensar nas vivências para bebês exige organizar o planejamento abordando elementos enriquecedores que possibilitem a eles descobrirem o que está a sua volta, através de vivências que abordam os sentidos, o aspecto motor, as interações e as descobertas. Enquanto docente, compreendo a importância do momento do planejamento como um tempo em que acontecem as reflexões acerca das vivências apresentadas aos bebês, buscando apropriar-se do mundo que os cerca na tentativa de ampliar as possibilidades que tornam as crianças protagonistas.

Nossos dias foram contemplados com diferentes vivências as quais permitiram aos bebês constantes descobertas e interações.



Foto 4: Disputa pela panela com farinha de trigo.
Fonte: Tanise

Na cena acima, foto 4, as panelas foram dispostas no chão, com uma quantidade de farinha de trigo dentro, para que os bebês interagissem livremente. Davi e Pedro iniciaram suas constatações a partir do momento que perceberam o que havia dentro da panela, em um jogo de disputas de interesse para apropriar-se do objeto e mantê-lo para si. Nessa relação, manifestaram-se tentativas e argumentações como um jogo de força para obter o objeto de desejo.

Davi sentou-se no chão e tomou para si a panela e com toda sua força impediu que Pedro a retirasse de suas mãos, inclusive usou a sua linguagem para intimidar a aproximação do outro bebê. Porém, Pedro foi persistente em suas tentativas e também se envolveu nesse jogo de força. Envolveram-se por um tempo nessa situação e Davi começou a gritar e a chorar e conseguiu fazer com que Pedro se retirasse da disputa.

Manifestou-se nessa cena o que Barbosa (2010) afirma sobre os bebês enquanto sujeitos potentes, criativos que manifestam seus interesses e desejos desde seus primeiros instantes de vida.

Conforme o registro, as panelas estiveram presentes durante todo o decorrer do percurso pedagógico realizado com os bebês, pois se evidenciava o interesse por tais objetos. A aproximação ao contexto familiar que as panelas proporcionavam, permitia que os bebês explorassem de forma intensa e segura. Ao ofertar esse tipo de objeto que não é propriamente

um brinquedo o envolvimento torna-se maior e mais prazeroso. A partir dele estabelecem relações importantes que permitem aos bebês explorar de diferentes formas o objeto em questão (colocar e retirar objetos, entrar e sair, arrastar, movimentar, explorar suas forças, sentir a textura).

Goldschied e Jackson (2006) destacam a importância do brincar heurístico, em que os bebês e crianças pequenas vão se apropriando e criando hipóteses a partir de objetos não estruturados que ao serem combinados com outros possibilitam novas descobertas.

As descobertas realizadas pelos bebês diante das possibilidades ofertadas confirmam a capacidade que possuem de compreender, estabelecer relações e resolver os desconfortos encontrados pelo “caminho”. Barbosa e Richter (2010) apontam que

Os bebês sabem muitas coisas. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que se constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros. (p. 87).

Assim como:

Os bebês são seres que já têm vontade, têm consciência sobre o que querem, sabem decidir e dizer o que querem. Eles ingressam no mundo da cultura por meio de interações com as pessoas e objetos e utilizam seu poder de decisão, seu corpo e os canais do conhecimento, que são seus órgãos sensoriais para explorar esse mundo. Eles ampliam suas experiências por meio do uso intencional do corpo, das mãos, pés e movimentos e utilizam seu ato voluntário para investigar esse mundo. (BRASIL, 2012, p12).

As experiências sensoriais permitem aos bebês entrar em contato e apropriar-se dos diferentes materiais existentes, saber como funcionam, os usos, os efeitos de sua ação sobre eles, os gestos e movimentos que conseguem produzir, a construção de sua autoimagem e o seu desenvolvimento integral, buscando através dos sentidos apropriarem-se do mundo que os cerca.



Foto 5: Bebês em interação com papel.
Fonte: Tanise



Foto 6: Bebê em interação com tinta.
Fonte: Tanise

A foto cinco mostra a interação entre os pares, com o seu próprio corpo e com o corpo dos demais bebês. Davi encontrou a possibilidade de acariciar e apreciar as costas de Lucas. Luiz concentrou-se para a foto. Bento demonstrou estar gostando dessa situação, sentiu-se a vontade em estar somente de fralda. Pedro prestou atenção nos elementos que compuseram essa cena, nesse caso a tinta.

Ao ofertar experiência com tinta à turma do berçário I, logo se sentiram familiarizados com o ambiente e mostraram-se receptivos em aceitar a proposta de brincar livremente. A interação aconteceu, no primeiro momento, somente com papel pardo. O barulho do papel ao

ser tocado instigou ao grupo de bebês se movimentaram com maior intensidade, quanto mais o corpo explorava o papel mais o som aumentava. A curiosidade era tamanha que nos perguntavam, com o olhar, de onde surgia aquele som.

A imagem seis traz consigo significações a partir do envolvimento de Luiz com a tinta, apreciando de forma intensa, sentindo-se feliz em poder deslizar seus dedos em seu próprio corpo, brincando com a possibilidade de tocar-se e usufruir daquele momento por inteiro.

O tempo de descoberta do bebê é um tempo próprio, significativo para ele, marcado por chegadas e partidas de acordo com o que era proposto. Alguns bebês não aceitaram o convite para o encontro com o barulho e a tinta, não demonstraram interesse, permaneceram distantes para observar, a participação era importante, mas respeitei a decisão de cada um, principalmente os que necessitam de um tempo maior para aproximação dessas atividades.

Os bebês que demonstraram interesse pela proposta interagiram com intensidade e prazer, experimentando a tinta, demonstrando sensibilidade ao toque, à textura, ao cheiro, ao gosto, acariciando seu próprio corpo, descobrindo que suas mãos deslizavam sobre o corpo com a maciez que ela proporcionava em contato com a pele. Barbieri traz a questão do toque da seguinte maneira

As crianças são sinestésicas, ou seja, todos os seus sentidos estão despertos a cada momento. Elas são chamadas por aquilo que lhes interessa, por uma curiosidade que as põe em movimento. (BARBIERI, 2012, p. 25).

Explorar a tinta de forma ilimitada, não se restringindo aos carimbos de mãos e pés, oportunizou aos bebês se apropriarem de forma intensa e prazerosa desse momento, experimentando e criando hipóteses a partir dele sobre seu próprio corpo, um corpo que sente e expressa desejos. O olhar do docente e a sua mediação nesses momentos é de extrema importância, é através dele que surgem as intervenções necessárias frente à brincadeira, à organização do ambiente, à compreensão do tempo de participação de cada bebê na atividade, respeitando seus momentos.

Ortiz e Carvalho (2012, p. 173) destacam a importância do olhar docente, do adulto, do outro em relação ao bebê:

Olhar atento é olhar sensível, olhar cuidadoso, olhar que espera, olhar que antecipa, prevê, planeja, organiza. Olhar que conhece, acolhe, envolve, oferece afeto, põe limites, dá segurança, indica caminhos. Olhar de quem acompanha e se envolve em um processo repleto de detalhes e riquezas.

A sensibilidade docente é uma das primeiras habilidades a ser desenvolvida no trabalho com bebês e crianças pequenas, a prática pedagógica é fortalecida quando nos disponibilizamos a compreender quem são os que estão ali conosco e o que necessitam nesse momento de suas vidas.

Assim como as interações com tintas, as misturas também estiveram presentes no cotidiano dos bebês, conforme demonstra a foto 7.



Foto 7: Theo em interação com sagu.
Fonte: Tanise

Theo realizou suas pesquisas a partir do contato com a mistura preparada, uma combinação de sagu cozido¹ com anilina colorida. Sentiu a textura, mergulhou suas mãos no recipiente, aproximou-se e tomou para si o que estava à sua frente, desfrutando com interesse.

Um currículo para bebês, segundo Barbosa (2010) deve:

Ampliar vivências em linguagens, para que os bebês experienciem seus saberes. Serão exatamente esses primeiros saberes, essas experiências vividas principalmente com o corpo, através das brincadeiras, na relação com os outros – adultos e crianças – que irão constituir as bases sobre as quais as crianças, mais tarde, irão sistematizar os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. (p. 5)

¹ Sagu Cozido. A preparação desta mistura era realizada pelas educadoras responsáveis pela cozinha, que passaram a compreender a necessidade e a importância destes elementos nas interações entre e com os bebês.

As brincadeiras propostas, a partir das misturas, buscam oportunizar aos bebês o sentir, o tocar, o explorar, o descobrir, o dividir, o lambuzar, o brincar livre e alegremente. A experiência com essa vivência oportunizou aos pequenos o reconhecimento do seu próprio corpo, num constante movimento na busca de diferentes sentidos. Não são todos que se permitiram explorar o que foi proposto, alguns permaneceram indiferentes ou circulando pelo espaço. Outros demonstram interesse pela brincadeira disponibilizada, buscando integrar outros objetos e materiais. Barbosa afirma que:

Os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar. (BARBOSA, p.2, 2010).

A partir das vivências possibilitadas foi possível analisar as singularidades de cada bebê, trazendo aspectos da sua cultura, dos espaços e tempos que ocupam, por exemplo, um bebê que nunca teve contato com a terra, areia ou misturas, não consegue se envolver de imediato, necessitando de um tempo maior para aproximação e apropriação. Também houve os que não manifestam interesse em participar.

Na imagem mostrada, vemos Samuel aos fundos, encolhendo-se, demonstrando insegurança frente à brincadeira, sua opção não foi participar desta interação. Ao adulto/docente cabe respeitar o momento de cada bebê, proporcionando outros espaços com materiais e brinquedos para exploração.

Essa organização requer um olhar importante para que o ambiente permita aos bebês a autonomia e o desenvolvimento pessoal, buscando objetos e brinquedos da preferência deles para que possam interagir e estabelecer relações com os demais, além de se descobrirem em situações que puderam ser criadas a partir do planejamento do espaço.

O manual de orientação pedagógica da Organização do Espaço Físico, dos Brinquedos e Materiais para Bebês e Crianças Pequenas (2012) define o solário como um espaço externo interligado à sala do berçário. Pode ser um jardim sensorial ou um parque infantil para os bebês. Jardim é uma palavra cuja origem está associada ao paraíso: um espaço agradável, de paz, de boas sensações, belo, com plantas, água, areia e brinquedos.

Porém, na nossa instituição, o solário se constituía em um local pouco visitado, um espaço esquecido, utilizado com pouca frequência, com aspecto estético sombrio, sem cheiros e cores que servia de depósito para algumas folhas secas, ou seja, um lugar abandonado.

Numa perspectiva de ampliar espaços de circulação e brincadeiras livres para os bebês, o solário passou a configurar um novo ambiente de possibilidades e aprendizagens aos pequenos.



Foto 8: Espaço do solário preparado para esperar os bebês.
Fonte: Tanise

A foto 8 demonstra que os bebês eram recepcionados com materiais organizados e diferenciados, pratos de papelão, folhas laminadas, pincéis, colas coloridas, com o objetivo de realizarem suas percepções acerca do que estava disposto. Barbieri explica que

Planejar e executar são ações fundamentais na vida dos adultos, e não nos damos conta do quanto a arte e o brincar podem contribuir para nos organizarmos com criatividade e invenção. Ao favorecer o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção estética, o ensino da arte na educação infantil proporciona às crianças que leiam e interpretem do seu jeito o mundo que as rodeia, e assim se transformem e o transformem. (BARBIERI, p.19, 2012).

Os bebês e as crianças pequenas ao perceberem que foram “contemplados” no planejamento e na organização do docente, demonstram maior satisfação e prazer na brincadeira e na forma de se relacionarem com os objetos, os brinquedos e os espaços. Quanto mais escuta e abertura, através de situações em que eles sejam protagonistas, mais contaremos

com o envolvimento e a alegria de cada menino e menina. A autonomia dos bebês também se revela pelo olhar de quem está mediando suas vivências, para isso é importante considerar que

A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita. (BRASIL, p14, 2009).





Foto: 9, 10 e 11: Interação e diálogos entre os pequenos a partir da vivência com tintas, pincéis e papéis.

Fonte: Tanise

As imagens 9, 10 e 11 retratam o comprometimento dos bebês com a brincadeira. Na imagem nove, Júlia faz suas primeiras constatações com os potes de tintas e o pincel, enquanto Davi engatinha sobre o muro. Na sequência, Júlia substitui o pincel que tinha em mãos pelo maior que estava próximo, na mesma cena Luiz observa os tubos de cola colorida, algo lhe chamava atenção. Aos fundos, João explora os materiais.

Na imagem onze, Pedro e Henrique dialogam sobre o empréstimo do pote, enquanto isso Davi aproveita os recursos disponíveis, pois não era do seu interesse participar da conversa.

Durante a exploração dos materiais e do espaço, a turma demonstrou encantamento com o que estava vivenciando, expressando satisfação em estar em um local fora da sala, dando significado ao brincar livre, as trocas com os colegas, e o estabelecimento de “diálogos”, tentativas e descobertas.

É importante que esses espaços sejam pensados e planejados para que tais brincadeiras aconteçam. Os espaços externos oferecidos pela escola, o pátio, a caixa de areia e o solário, passaram a ser explorados diariamente. Os bebês compartilhavam seus momentos com as crianças maiores, interagindo, estabelecendo vínculos importantes e descobrindo o que estava ao seu redor.

Para Barbosa:

Todos os dias os bebês precisam ir ao pátio, pois este é um procedimento saudável e também uma importante situação de integração com as demais pessoas da escola, especialmente porque promove interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades. É importante que todos os dias os bebês vivenciem situações que incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. (2010, p. 13).

As interações dos bebês com as crianças maiores potencializaram as suas singularidades, eles passaram a ter visibilidade pelas demais crianças da escola, que sentiam a necessidade de cuidá-los, auxiliá-los na busca de objetos e brinquedos, em suas iniciativas motoras, compreendendo a importância da diversidade presente no espaço. A ação pedagógica na turma de bebês deve favorecer o encontro entre eles em diferentes espaços e momentos do dia.



Foto 12: Bebês explorando diferentes texturas no pátio.
Fonte: Tanise

Davi sentiu a textura das sementes em meio a algodões. Tentou arrancá-los para levar até a boca. Pedro de imediato desprende um chumaço de esponja de aço e experimentou. A reação apresentada aponta um descontentamento em provar tal material, manifestando sua reação às docentes. Os dois bebês sentaram-se na grama, criando outras possibilidades a partir dela.

Na imagem 12 os bebês se encontraram com diversas texturas em meio ao pátio. Fizeram suas constatações a partir dos sentidos, interagindo com o que era proposto e com o que os cercava, os carros, as pessoas que passavam na rua, os sons. “Esse contato direto com o meio ambiente promoveu sensações relacionadas à vida cotidiana e que eram dificilmente reproduzidas em ambientes fechados”. (ORTIZ e CARVALHO, 2012, p. 77).

A natureza se constitui em um território rico em aprendizagens, sendo importante esse encontro com os bebês e crianças pequenas. É através dessa relação que o ser humano apropria-se e aprende a cuidar da casa maior a qual todos pertencemos: a natureza que traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar.



Foto 13: Bebês brincando com a areia e objetos.
Fonte: Tanise

Na primeira interação dos bebês com a areia, recebi alguns apontamentos das colegas, que diziam respeito à possibilidade de que os bebês colocassem areia na boca e não soubessem lidar com a sensação. A resposta veio assim que todos estavam dentro dela, todos os bebês brincaram, envolveram-se e permaneceram por um longo período naquele espaço. Luiz provou a areia para saber em que estava sentando e com que estava interagindo, assim

que levou areia à boca, cuspiu fora, não gostou da reação. João e Pedro foram construindo suas percepções, utilizando balde e panela. Aos fundos, Samuel buscou a tela da casinha para apoiar-se. Davi e Lucas interagiram com outros objetos dispostos.

A riqueza da natureza e seus elementos propiciaram aos bebês uma brincadeira prazerosa e espontânea. Ao docente compete escolher e preparar oportunidades e experiências que eles levarão na memória. A caixa de areia tornou-se um dos locais mais apreciados pelos pequenos. Eles permaneceram nela por um tempo significativo, se antes os adultos eram tomados pelo medo de que a areia fosse consumida, os bebês provaram que consumir areia consiste em ações bem mais complexas do que levá-la a boca.

Colocar e retirar, sentir a textura, reconhecer o peso, trocar objetos, dialogar, participar da brincadeira com seus pares, provocar o adulto a participar do seu momento e viver a sensibilidade, são iniciativas complexas para os bebês e que resultam na construção de suas aprendizagens. Aos educadores, é necessário estar em constante reflexão além de estarem presente nessas vivências. A presença através do olhar que compreende os movimentos e reconhecem os bebês como seres capazes.

O olhar tem que ser exercitado. Fomo-nos permitindo entre as docentes manifestar nossos olhares em relação aos pequenos, o que oportunizou um constante diálogo sobre o fazer pedagógico com bebês. As colegas mostravam-se receptivas às contribuições que vinham da minha participação no curso de especialização em docência na educação infantil.

A partir dessas conversas, o olhar ficou mais atento às ações dos bebês frente aos objetos e às possibilidades ofertadas, aos detalhes das interações que passaram a ser percebidos e compreendidos por elas, ainda que timidamente.

Cada vivência, pensada e vivida com os bebês, compreendia a necessidade de ampliarmos as práticas para que eles pudessem ser protagonistas de atividades envolventes, que os instigassem a descobrir e a encantar-se por elas. Na maioria das vezes, as atividades proporcionadas pela escola acabam privilegiando as crianças maiores, e aos bebês pouco é oferecido, daí a importância desse trabalho.

Essas questões foram debatidas e problematizadas nas aulas do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, nas quais compartilhávamos experiências e vivências pedagógicas, além de fortalecer e contribuir com trabalho de cada educadora. Durante as trocas foram possibilitados vários momentos de reflexão através de documentários e trabalhos importantes realizados com os bebês. Um desses foi o Seminário do Programa Pró

Infância, em 2014, no qual tive a oportunidade de prestigiar a peça teatral intitulada: Cuco: a linguagem dos bebês no Teatro², sob a direção de Mário de Balentti.

O encantamento produzido pela peça teatral em mim, fez com que mais pessoas se permitissem a pensar e olhar os bebês de maneira diferente. Surgiu, nesse momento, uma nova proposta de intervenção com os bebês.

² CUCO: A Linguagem dos Bebês no Teatro, é uma peça pensada e planejada para crianças de zero a 3 anos. Dirigida por Mário de Ballentti, montagem de Ana Luiza Bergmann e Bruna Baliari no elenco, coordenação pedagógica de Paulo Fochi e trilha sonora de Marcelo Delacroix e Beto Chedid e organização da Cia Caixa do Elefante.

7 A ARTE NO BERÇÁRIO: A RELEITURA DO TEATRO CUCO, A LINGUAGEM DOS BEBÊS NO TEATRO



Foto 14: Interação dos bebês na Releitura do Teatro Cucco: A linguagem dos bebês no teatro.
Fonte: Tanise

O encantamento com os bebês facilitou a imersão em um contexto de pesquisas sobre eles. Ao retornar dos estudos no Seminário do Curso de Docência na Educação Infantil, realizado em Santa Maria, no ano de 2014, dialogamos com as colegas sobre as reflexões realizadas e o que o seminário proporcionava enquanto qualificação da docência na educação infantil, bem como a oportunidade de apreciar um trabalho diferenciado para os bebês através do teatro. De imediato, senti que provoquei e motivei uma delas, colega do berçário II, no entanto, para mim no primeiro momento aquela possibilidade, mantinha-se distante, algo intenso e prazeroso para apreciarmos, porém inacessível ao nosso público.

Com o passar dos dias, os diálogos foram surgindo em torno da possibilidade de realizarmos uma releitura do teatro para nossos bebês, como forma de oportunizar lhes o contato com a arte, de forma intensa, prazerosa, explorando o mundo que os cercava, através de movimentos, de sons, de cores, enfim, de diferentes linguagens.

Barbosa e Fochi esclarecem o surgimento e o estudo do teatro para bebês a partir da perspectiva de Reggio Emília, a qual é definida como:

Conta-se que, próxima a Réggio Emilia, numa aldeia chamada Villa Cella, em uma primavera de 1945, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, moradores se uniram com o objetivo de criar uma escola para seus filhos. Uma escola cuja construção fora feita dos vestígios da guerra, tais como a venda dos cavalos abandonados pelos alemães e dos tanques de guerra deixados. Sendo assim, a proposta de Reggio Emilia, no norte da Itália, é o resultado de um movimento de pais que desejavam, sobretudo, “uma declaração contra a traição do potencial das crianças, e um alerta de que elas, antes de tudo, precisavam ser levadas a sério”. Malaguzzi, após várias experiências, tornou-se o idealizador do projeto educativo e de uma pedagogia própria, que resultou na Pedagogia da Escuta e na Teoria das Cem Linguagens das Crianças, imbricada numa concepção de criança competente, capaz e portadora de direitos. (FRABETTI; MANFERRARI, 2006, apud BARBOSA e FOCHI. 2011. p. 34).

Para Malaguzzi, apud Barbosa e Fochi (2011) é preciso considerar a criança como um ser competente, capaz de elaborar teorias provisórias e de estabelecer relações com o tempo e o espaço, é acreditar numa criança cidadã, rica pelos seus saberes, que produz e consome cultura. Para tanto, o pesquisador substituiu salas de aula por ateliês. Sendo assim, foram emergindo, nas cidades da Itália, concepções diferenciadas de escolas, tomadas pela arte e pelas diferentes linguagens, evidenciando um espaço que potencializou as diferentes formas de expressão e interação.

No contexto pesquisado, a releitura do teatro estava em “gestação”. Foram muitos dias de dedicação, reflexão, observação e ensaio. Nossa rotina de trabalho foi ampliada diariamente, pois nossos momentos de estudos aconteciam depois do horário de trabalho. Os objetos utilizados na releitura do teatro foram produzidos, por nós, nos momentos de ensaio e planejamento individual, materiais muito simples, tecidos, caixas, fitas que faziam parte do cotidiano escolar e familiar, “usando diversidade de materiais, permitimos que a criança use seu corpo de várias maneiras” (BARBIERI, p. 61, 2012).

Nasceu, assim, nossa apresentação através da vivência de uma proposta e uma prática pedagógica em conjunto com as famílias na qual defendemos e ressignificamos o conceito de infância e buscamos proporcionar, de forma consciente e consistente, uma oportunidade lúdica diferenciada e especial considerando as singularidades dos bebês.

A peça original dirigida por Mário de Ballenti, montagem de Ana Luiza Bergmann e Bruna Baliari no elenco, coordenação pedagógica de Paulo Fochi e trilha sonora de Marcelo Delacroix e Beto Chedid e organização da Cia Caixa do Elefante, nos inspirou no trabalho com e para bebês no ano de 2015.

Intitulada como Releitura do Teatro Cuco: A linguagem dos bebês no teatro, a peça foi apresentada em conjunto ao Projeto da EMEI João Carlini, chamado: “Dá para brincar?”. A interação aconteceu com as turmas do Berçário I e II, Maternal I e II e PRÉ I, contemplando

nesse momento aproximadamente cinquenta crianças, em dois momentos diferentes, com uma faixa etária de seis meses a quatro anos, no primeiro semestre do ano de 2015.

As famílias buscaram apropriar-se do cotidiano escolar de seus filhos através da compreensão de questões relacionadas ao trabalho pedagógico com os bebês, assim como muitas vezes formas de agir frente a situações diversas. Tomadas por esta motivação, estavam mais presentes e comprometidas. Houve, nesse momento, em especial, um chamamento mais intenso da família, visto que a Escola faria a apresentação do Projeto às Famílias.

As Diretrizes Curriculares apresentam a escola de educação infantil como um espaço de compartilhar a educação e o cuidado das crianças pequenas com suas famílias.



Foto 15: Apresentação da peça teatral para as crianças e famílias.
Fonte: Tanise

Dentro das possibilidades que a escola apresentava, os espaços eram muito pequenos para dar conta desse momento. Sendo assim, conseguimos parcerias junto à comunidade e conseguimos o empréstimo de uma sala maior. A imagem 15 traz um dos momentos da primeira apresentação da releitura do teatro.

Os bebês e as crianças pequenas pareciam não acreditar no que estava acontecendo no tapete, os movimentos, as diversas expressões e as linguagens envolvidas em um cenário, montando com materiais simples. As expressões faciais dos bebês, das crianças pequenas e dos adultos presentes demonstravam o encantamento pela peça.

A participação dos pais e das famílias, reconhecendo a importância do trabalho pedagógico, enriquece e fortalece o fazer pedagógico, o trabalho da gestão escolar, os

vínculos estabelecidos, além de proporcionar maior reciprocidade entre profissionais educadores e os pais, conforme afirma o Parecer CNE 20/2009:

A participação dos pais junto com os professores e demais profissionais da educação nos conselhos escolares, no acompanhamento de projetos didáticos e nas atividades promovidas pela instituição possibilita agregar experiências e saberes e articular os dois contextos de desenvolvimento da criança. Nesse processo, os pais devem ser ouvidos tanto como usuários diretos do serviço prestado como também como mais uma voz das crianças, em particular daquelas muito pequenas. (BRASIL, 2009, p. 14).

Durante a aproximação dos pais junto à vivência do teatro, conforme relatos expressos de que as cenas reportavam-se às suas infâncias, às brincadeiras foram sendo revividas naquele momento junto aos seus pequenos.

Através dessa aproximação, os pais foram conhecendo e compreendendo, no teatro para bebês, as diferentes linguagens produzidas e evidenciadas pelas crianças pequenas na prática pedagógica e no contexto escolar, bem como o comprometimento das profissionais que trabalham com seus filhos, que buscam dar visibilidade ao trabalho proporcionado pela escola pública.

A peça teatral oportuniza no silêncio a produção de diferentes linguagens, através do corpo em movimento e instrumentos simples que envolvem os bebês através de olhares e interações. “É preciso silenciar para poder perceber, sentir. Sensibilizar a percepção do corpo”. (BARBIERI, 2012, p. 113).



Foto 16: Bebês juntamente com seus pais apreciando a peça teatral
Fonte: Tanise

As expressões dos adultos e dos bebês indicaram a interação pelo olhar. A imagem 16 não permite mostrar o movimento constante de Bento que está quase em pé no colo de sua mãe. Ele expressou envolvimento com a peça desde seu início até o fim. Tiago, no aconchego do colo de sua mãe, interagiu com o olhar sensível e cuidadoso ao que estava por acontecer. O casal ao lado demonstrou estar feliz com o que visualizava.

A peça teatral é instigante ao olhar do adulto, sendo difícil compreender o que ela foi capaz de fazer com os bebês e as crianças pequenas, pois apreciavam de forma intensa e ao mesmo tempo “hipnotizadora”, revelando a responsabilidade, o cuidado e o comprometimento que o autor possui com os bebês e as crianças pequenas ao pensar e proporcionar um trabalho inusitado com qualidade, efetivando a cultura da infância.

Cultura da infância, criança, corpo, arte. Nosso corpo articula conexões entre tudo que vivemos, ele também percebe o invisível, o indizível. Com o corpo, percebemos o clima dos lugares em que entramos. Precisamos dar espaço para que as crianças ouçam o seu corpo. (BARBIERI, 2012, p.113).

Assistir ou participar de uma peça teatral dificilmente seria possível para nossos bebês, quando ofertada na cidade atende ao público infantil com faixa etária maior o que torna inviável a participação dos pequenos. A releitura do Teatro Cuco possibilitou a muitas crianças o acesso ao contexto cultural do teatro, até então desconhecido e não oferecido ao público de 0 a 3 anos.

Barbosa (2010) enfatiza a importância da participação dos bebês no teatro, quando o espetáculo é pensado para eles, sendo que, além de fruírem como espectadores, os bebês também iniciam seus jogos dramáticos na escola de educação infantil.

Sendo assim, oportunizar a releitura da peça cumpre a função de potencializar os bebês e as crianças pequenas enquanto sujeitos de direitos que necessitam serem vistos, compreendidos e respeitados dentro e fora do cotidiano familiar, conforme prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.



Foto 17: Envolvimento das famílias e bebês.
Fonte: Tanise

O envolvimento e aceitação dos bebês e das crianças pequenas foi tão intenso que a releitura da peça propagou-se pelas demais escolas do município e também da região. Não esperávamos que o trabalho resultasse em tamanha proporção. Afinal, estávamos nos constituindo educadoras de bebês dentro de uma proposta diferenciada de envolvimento, interação e ludicidade, num contexto de possibilidades a partir de diferentes linguagens.

Na verdade, fazer teatro para crianças abrange uma intensa qualidade de envolvimento humano e é, certamente, uma tentativa de superar as barreiras da idade e de estabelecer um contato consciente com “um público que, talvez, tenha menos convenções do que os outros, porque dificilmente aplaude ou ri, quando deve, mas que é capaz de surpreender com seu silêncio inesperado e improvisar tantos beijos que nos são presenteados”. (Frabetti; Manferrari, 2006, p. 94, apud BARBOSA e FOCHI, p. 35).

O teatro revelou com intensidade o encantamento que os pequenos possuem com o momento, pois tentam participar a todo instante do centro onde acontecem os movimentos, na tentativa de explorar e tocar os objetos. Os autores acima citados afirmam que:

As crianças entram nos jogos teatrais para explorar e tocar, reelaborando imediatamente, se desejarem, o que receberam. Um lugar de fazer e fazer juntos, um momento de relação interpessoal e de colaboração construtiva. O adulto se coloca à frente das crianças disponível a se comunicar com elas, as encoraja e as mantém sem precisar forçar e sem dirigir muito, mas com a intenção de manter o clima e atmosfera da comunicação teatral. (FRABETTI; MANFERRARI, 2006, p. 6, apud BARBOSA e FOCHI, p. 36).

Em todas as apresentações da peça, realizadas em diferentes cidades, Ajuricaba, Nova Ramada e Ijuí, ambas no Rio Grande do Sul, as manifestações dos bebês e das crianças pequenas eram exatamente como acima descritas. Percebia que o olhar e os desejos dos adultos naquele momento não era diferente das crianças.

Encantar-se com a arte e promovê-la, aproximando as crianças do contexto cultural, por meio de materiais muito simples, movimentos expressivos e uma trilha sonora que potencializa a narrativa e principalmente busca o envolvimento dos pequenos em uma peça pensada e planejada para eles, foi um dos objetivos pelos quais nos desafiamos a realizar a releitura.

Contemplamos assim o que nos traz as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) para a Educação Infantil:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica: Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância. (BRASIL, 2009, p 19).

Oportunizar experiências significativas e de qualidade a todos os sujeitos envolvidos no cotidiano das escolas públicas é garantir os direitos da infância, é assumir o compromisso de práticas qualificadas às crianças menos favorecidas, oportunizando a elas as possibilidades de inserção no contexto artístico, cultural, potencializando seu desenvolvimento.



Foto 18: Interação com os bebês na Feira do Livro de Ijuí em 2015.
Fonte: Tanise

A imagem traduz a interação das crianças ao serem convidadas a participar da cena, a partir das bolinhas coloridas, ainda que timidamente, vão se apropriando dos objetos e do cenário montado, criando suas percepções acerca do que lhes foi ofertado, imitando o que visualizaram.

A releitura do teatro Cuco ultrapassou as paredes da escola, foi um convite a inserção dos bebês, das crianças, das famílias e dos profissionais da educação em um contexto cultural e artístico. Através da peça revelou-se a qualificação do trabalho pedagógico sendo efetivado pela escola pública, mostrando um espaço de interação, de vivências, de ludicidade e de aprendizagens. A participação das famílias ao cotidiano escolar de seus filhos possibilitou um engajamento entre os educadores, os pais e a equipe gestora com o objetivo de ampliar e qualificar o trabalho realizado pela escola e também pela família. Ambos complementam-se na busca pela qualidade da educação de seus filhos. Uma escola não se faz sem a participação das famílias, ela precisa estabelecer uma relação efetiva, também, com a comunidade, para conhecer e considerar de modo crítico e reflexivo os saberes, as crenças, os valores e a diversidade de práticas sociais e culturais.



Foto 19: Participação das crianças e famílias.
Fonte: Tanise

A imagem retrata a interação das crianças com os objetos e materiais dispostos na cena. A brincadeira aconteceu através da interação dos bebês com as crianças maiores nesse mesmo espaço, constituindo-se em um momento de trocas e de aprendizagens.

As práticas pedagógicas necessitam de uma constante reflexão acerca da sua importância e contribuição na vida individual e coletiva das crianças, promovendo a efetivação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) no cotidiano escolar, oportunizando a todas as crianças uma educação pública de qualidade, baseada nas interações, brincadeiras e vivências significativas.

8 POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES...

Durante a trajetória percorrida com os bebês, trouxe em evidência, a partir dos registros e reflexões, as especificidades da prática pedagógica realizada em um contexto de escola pública. A partir da pesquisa-ação, trouxe uma narrativa de como esse fazer pedagógico foi constituindo-se a partir de reflexões acerca da infância e das possibilidades apresentadas.

As heranças guardadas na memória do tempo de criança, dos espaços destinados e criados para as brincadeiras, as experiências que envolviam os elementos da natureza, as interações com outros sujeitos, aproximaram-me do lugar que ocupo no cotidiano da educação infantil. Os espaços, os cheiros, os sabores que fizeram parte da infância pertencem à memória afetiva.

Compreendo que ao docente cabe manter um olhar atento, cuidadoso e sensível, não que antecipa, mas que prevê ações que oportunizam aos pequenos um espaço de vivências, possibilidades, interações e de encontros com as diferentes linguagens e experiências lúdicas.

A pesquisa aponta que os espaços oferecidos pela instituição nem sempre contemplam as melhores condições para os sujeitos que ali estão. Por isso, é necessário buscar alternativas que possibilitem a melhor qualidade destes espaços e das condições para a realização do trabalho. Muitas vezes algumas trocas e substituições deixam o ambiente melhor organizado para os bebês e ampliam as possibilidades e as alternativas dentro desse espaço.

Desafiar as colegas a compreender a prática pedagógica baseada nas interações, nas experiências, nas brincadeiras, no cuidar e no educar, constitui-se em um exercício constante de busca para a qualificação profissional. No momento em que comecei a ouvi-las, pude compreender suas preocupações em torno das práticas escolarizadas, porém limitavam-se a essas, por não saberem que caminhos buscar para realizar um trabalho diferenciado.

Aponto, nesse sentido, a importância do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, o qual sempre me possibilitou inúmeras reflexões a partir do que estava vivenciando no berçário e no cotidiano da educação infantil, bem como oportunidades únicas de compartilhar trocas e experiências. Tais contribuições eram esperadas pelas colegas e compartilhadas com toda a escola.

Destaco também que a formação inicial e continuada das docentes é um objetivo que necessita ser realizado e ampliado. Muitas conquistas já foram garantidas, porém é necessário continuar a buscar caminhos para que as instituições sejam espaços educativos, com profissionais cuja formação seja adequada.

O trabalho docente no berçário exige compreender o tempo de uma forma diferenciada.

É nesse tempo que acontecem as mais importantes conquistas de um ser humano, sem antecipá-las. As vivências e as experiências possibilitadas aos bebês a partir de objetos não estruturados, assim como as brincadeiras com tintas, massas, e a exploração de espaços, até então, não utilizados com frequência por eles, mostram o quão importante é respeitar o tempo e o desejo dos bebês.

Percebi que neste campo de trocas e interações, os bebês apropriam-se do mundo que os cerca, aproximando-se do contato com a natureza e seus elementos, da vida cotidiana, de pesquisas e de percepções acerca do que lhes é possibilitado, num constante jogo de trocas com seus pares, no entanto, em alguns momentos, eles preferem ficar sozinhos.

A prática pedagógica buscou a aproximação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil ao cotidiano da escola, acreditando nas crianças como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 14).

Sendo assim a releitura, do Teatro Cuco: A linguagem dos bebês no teatro, buscou a qualificação e a aproximação do contexto artístico e cultural às crianças das escolas públicas, menos favorecidas, que não costumavam visitar os espaços culturais ou espetáculos que compreendiam as especificidades desta faixa etária de zero a três anos, por não terem acesso a grandes centros e quando oferecidos não contemplam a faixa etária citada.

A releitura do teatro abrange inúmeras crianças, envolvendo-os num cenário de possibilidades e encantamento, cumprindo com o princípio estético que as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009) propõem acerca da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

A ampliação e o envolvimento das famílias, junto ao cotidiano da educação infantil, fortaleceram o compromisso e a responsabilidade com a educação dos seus filhos, participando num constante movimento de trocas e diálogos, fortalecidos a partir da compreensão da prática pedagógica e a proposta de releitura do teatro.

Concluo, essa reflexão sobre minha prática docente, destacando a importância da especificidade da ação pedagógica com os bebês, a fim de compartilhar conhecimentos e

novas estratégias, reconhecendo-os como seres potentes e capazes que precisam de vivências, de interações variadas em suas vidas e que se apropriaram dos espaços organizados e dos ambientes coletivos pensados cuidadosamente para que signifiquem o mundo a sua volta.

No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu,
entrem pra dentro.

Manoel de Barros

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância**. São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBOSA, Maria Carmem. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Agosto. 2010. Disponível em: <portal.mec.gov.br/docman/setembro-2010>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- BARBOSA, Maria Carmem. FOCHI, Paulo Sergio. **O Teatro e os Bebês: Trajetórias Possíveis Para uma Pedagogia com Crianças Pequenas**. Revista Espaços da Escola. Ijuí: E. Unijuí, Jan./Jun. 2011.
- BARBOSA, Maria Carmem. RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche**. Revista Educação. Santa Maria: Unijuí Jan./Abr. 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica. **RESOLUÇÃO N.5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas: manual de orientação pedagógica: módulo 4**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **PARECER N. 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- FOCHI, Paulo Sergio. **“Mas os bebês fazem o quê no berçário, Hein?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GOBBATO, Carolina. **Os bebês estão por todos os espaços!** Um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011.
- GOLDSSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos. O atendimento em creche**. Tradução Marlon Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.
- MALLMANN, Elisete. **Materiais Potencializadores e os Bebês-Potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

ORTIZ, Cisele. CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação.** São Paulo: Blucher, 2012.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.